

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
PONTO DE CULTURA ESPAÇO DAS LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL - DLA/UEFS

Encontros Literários

**Fernando da Rocha Peres
Kátia Borges**



8

Encontros Literários na ALB

Fernando da Rocha Peres
Kátia Borges



ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
PONTO DE CULTURA ESPAÇO DAS LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
DIVERSIDADE CULTURAL - DLA/UEFS
Av. Joana Angélica, 198 - Nazaré
Salvador - Bahia Tel.: 71 3321-4308

Consultoria:
Aleilton Fonseca

Coordenação:
Carlos Ribeiro

Editoração eletrônica:
Patrícia Chastinet

ENCONTROS LITERÁRIOS NA ALB

"Encontros literários na ALB" é uma atividade do Ponto de Cultura da Academia de Letras da Bahia. Trata-se de bate-papos com escritores, com leitura e discussão de textos previamente selecionados, objetivando a aproximação do público leitor com autores baianos, no oferecimento de uma visão panorâmica de nossa literatura atual.

Os encontros são realizados no auditório da ALB, de setembro de 2009 a dezembro de 2011, uma vez por mês, das 17h às 19h, alternando poesia e ficção, sempre com dois escritores convidados. Há ainda dois leitores indicados com antecedência, que comentam os textos apresentados, formulam perguntas aos dois autores e, assim, iniciam o debate, com a participação ativa do público presente.

Foram programados cinco Encontros para 2010/I:

- em 19 de março, **Carlos Ribeiro & Lima Trindade** (ficção), com comentários de Luciano Lima & Suzana Varjão.
- em 16 de abril, **Florisvaldo Mattos & José Inácio Vieira de Melo** (poesia), com comentários de Cid Seixas & Eliana Mara.
- em 21 de maio, **Aleilton Fonseca e Álex Leilla** (ficção), com comentários de Mirella Márcia & Rosel Soares.
- em 18 de junho, **Fernando da Rocha Peres & Kátia Borges** (poesia), com comentários de Francisco Lima & Nilson Galvão.
- em 15 de julho, **Aramís Ribeiro Costa & Carlos Barbosa** (ficção), com comentários de Ângela Vilma e Janaína Amado.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
PONTO DE CULTURA ESPAÇO DAS LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
DIVERSIDADE CULTURAL - DLA/UEFS
Av. Joana Angélica, 198 - Nazaré
Salvador - Bahia Tel.: 71 3321-4308

Consultoria:
Aleilton Fonseca

Coordenação:
Carlos Ribeiro

Editoração eletrônica:
Patrícia Chastinet

ENCONTROS LITERÁRIOS NA ALB

"Encontros literários na ALB" é uma atividade do Ponto de Cultura da Academia de Letras da Bahia. Trata-se de bate-papos com escritores, com leitura e discussão de textos previamente selecionados, objetivando a aproximação do público leitor com autores baianos, no oferecimento de uma visão panorâmica de nossa literatura atual.

Os encontros são realizados no auditório da ALB, de setembro de 2009 a dezembro de 2011, uma vez por mês, das 17h às 19h, alternando poesia e ficção, sempre com dois escritores convidados. Há ainda dois leitores indicados com antecedência, que comentam os textos apresentados, formulam perguntas aos dois autores e, assim, iniciam o debate, com a participação ativa do público presente.

Foram programados cinco Encontros para 2010/I:

- em 19 de março, **Carlos Ribeiro & Lima Trindade** (ficção), com comentários de Luciano Lima & Suzana Varjão.
- em 16 de abril, **Florisvaldo Mattos & José Inácio Vieira de Melo** (poesia), com comentários de Cid Seixas & Eliana Mara.
- em 21 de maio, **Aleilton Fonseca e Álex Leilla** (ficção), com comentários de Mirella Márcia & Rosel Soares.
- em 18 de junho, **Fernando da Rocha Peres & Kátia Borges** (poesia), com comentários de Francisco Lima & Nilson Galvão.
- em 15 de julho, **Aramís Ribeiro Costa & Carlos Barbosa** (ficção), com comentários de Ângela Vilma e Janaína Amado.



Fernando da Rocha Peres

Nascido em Salvador (1936), é poeta, historiador e pesquisador, publicou vários livros sobre a vida e a obra de Gregório de Mattos e sobre aspectos da evolução urbana de Salvador, pertence à Academia de Letras da Bahia. Publicou, em poesia: *Poemas bissextos* (Salvador, Edições Macunaíma, 1972, pref. de Pedro Nava, desenho da capa de Henrique Mindlim, 1983); *Tempo/objetos* (Salvador, Edições Macunaíma, 1989, com ilustrações Carlos Scliar); *Mister Lexo-tan e outros poemas* (Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1996, com prefácio de Luciana Stegagno Picchio, posfácio de Angeli e concepção gráfica de Humberto Vellame); *Febre terça* (Salvador, Editora Corrupio, 2000, prefácio de Angeli e concepção gráfica de Maria Helena Pereira da Silva); *Arqueopoemas* (Feira de Santana, Edições Cordel, 2001, capa de Nanja); *Poemas de um cristão* (São Paulo, Edições Rosari, 2001, pref. de D. Pedro Casaldáliga e con-

cepção gráfica de Salvador Monteiro); *Naturezas e coisas* (Salvador, Editora Corrupio, 2002, capa e concepção gráfica de Maria Helena Pereira da Silva); *Estranhuras* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2003, apresentação de José Mindlim e ilustrações de Renina Katz, concepção gráfica de Claudio Giordano); *Salvadores ou coisas de amor* (Salvador, Edições Égua Dor, 2004, concepção gráfica de Ângela Garcia Rosa); *Criancices /Bambinate* (Salvador, Edições Cidade da Bahia, 2005, tradução para o italiano de Silvia la Regina, ilustrações de Sante Scaldaferrì e concepção gráfica de Guido Guerra. Publicou em *Historiografia: Crônica do encobrimento ou relação do desmedido Almotacel Expedito* (Salvador, Edições Égua Dor, 2000); *Gregório de Mattos / o poeta devorador* (Rio de Janeiro, Manati, 2004); *Memória da Sé* (tese para docente da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, Edições Macunaíma, 1974, 2. edição, 1999); *Correspondente contumaz: cartas de Mário de Andrade a Pedro Nava: organização, introdução e notas* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982); *Gregório de Mattos e Guerra: uma revisão biográfica* (Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras, Salvador, Edições Macunaíma, 1983); *Gregório de Mattos e a inquisição* (Salvador, Universidade Federal da Bahia, UFBA/Centro de Estudos Baianos, CEB, 1988); *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos* (Salvador, Edufba, 2000, em parceria com a colega Silvia la Regina); *Breviário de Antonio Conselheiro* (juntamente com Walnice Nogueira Galvão, ilustração da capa de Calasans Neto, Salvador, Edufba/CEB, 2002, no Centenário de Os Sertões). Lançou em CD: *Estranhuras* (São Paulo, gravação de poemas, 2004, com música de Luis Henrique Xavier).

ANGST Caçar a angústia
como um bicho na neblina.
Ágil e pardacento, aos saltos,
o pequeno animal
esgueira-se no mato interior
de toda inquietação.
Paralisado, este olhar
recai nas mãos imóveis,
trêmulas quase,
do caçador.
Esta sombra besta
tão esguia,
tem as tramas do inferno;
uma fragilidade angelical
de quase lebre,
e dentes agudos
fincados na vida.
O caçador não desiste,
mede a pontaria
e lança o dardo;
dor corredeira no ar
ao ponto solerte,
que se confunde com a relva.
Manhã de soll!
e o caçador baqueia
carregando o malefício
de perviver angustiado.

(In: *Febre terça*. Pref. de Angeli.
Salvador: Corrupio, 2000. p. 35.)

EXPRESSIONISMO Vem com sua boca azul
fazer nosso sexo,
neste beijo momentâneo
de línguas e tocatas,
carícia decantada
e inesperada.
Em troca darei o mesmo
nas aberturas do teu corpo
tenso e macio,
chave de sol
lua das calmas
nua
rosto e musa.
Vem como cinzel
de uma sarabanda,
viola de gamba
caindo do meu gemido
da nossa pauta.
Vem e sua,
como fazia D. Urraca
nos velhos campos
peninsulares
em *la Castilla*,
com seu escudeiro:
mantos despídos
sem armaduras
panos de *cambray*,
cotas ao vento
e os cavalos soltos
e tantos
vendo a rudeza

do cio humano
relaxante,
de tudo findo,
já aplacados os corpos.

(In: *Febre terça*. Pref. de Angeli.
Salvador: Corrupio, 2000. p. 73)

CRONOLOGIA Menino fui, sem perceber.
Adolescente fui, bem devagar.
Os minutos se arrastavam,
pois a vida era mormaço,
sem obstáculos e enganos.
Hoje penso o menino,
avidez de brinquedos e asma.
Agora revejo o adolescente,
gasto de energia sem fiações.
Sei que o tempo conta,
cada segundo e seu átimo,
que escorre pela espinha.
Adulto estou, e tudo rodopia:
o tempo presto, o rito comedido
sobre duas pernas, dois pés,
em alameda que não tem saída.

(In: *Febre terça*. Pref. de Angeli.
Salvador: Corrupio, 2000. p. 83)

VESTÍGIO VI

Um demônio habita em mim.
Se é poeta não sei, outros dirão
um dia; talvez melhor não me iludir
pensando que a poesia é coisa dos homens,
ou deuses, todos que sejam do inferno
ou do céu, e suas portas que se abrem
e fecham com verbos em fogos e nuvens.

In.: *Arqueopoemas*. Feira de Santa:
Edições Cordel, 2001. p. 14)

VESTÍGIO XXX

Se depois de Camões, ainda insisto
reencontrar as musas de um Ilha só,
perdida no oceano da poesia e ondas
de mares em calmaria, marinheiro
não sou; mas amoroso, doido navegante.

(In: *Arqueopoemas*. Feira de Santa:
Edições Cordel, 2001. p. 38)

SALVADOLORES

(aos que escolheram seu lugar em 1549)

Nem uma coisa, nem outra
não sei, o assim enrascado
dentro de mim, o menino que houve
e hoje nada escuta dos seus choros,
descurte um tempo e a vida que foi
falta de ar, mãe doente, o pai que só
trabalhava e trabalhava e um dia morreu.
A casa bem arrumada e limpa, a cama
feita com lençol cheirando a alfazema,
dava um certo afago, e a mesa posta
tinha o de comer hora sim, e domingo
se arrastando na escada do quintal.
Já não lembro se o gato era mimoso,
mas havia um canário nativo bem cantante,
o rádio com notícias da guerra, o blecaute,
e os discursos de Vargas, tango e Gardel
em profusão e Chico Alves, tudo ao tateio
das mãos, sem pressa, para que à noite
o guarda noturno silvasse seu apito,
e todos fossem dormir sem pensar em gatunos,
que só queriam as galinhas do poleiro sujo
de merda e os ovos postos de manhã,
eram alguns na economia domesticada.
Dormia-se até, janela aberta, com a lua
riscando, luarenta, os tacos encerados,
chão onde pisava a família, e baratas sem
os detefons de hoje, às vezes corriam livres
para o esconderijo, fugindo das chineladas.

Era mesmo a vida de uma cidade antiga,
Salvadolores que não é feita, nem se faz,
mas se desfaz, pois os homens que se metem
e a descoram e desfiguram, sempre
transmudam a dita, de Luís Dias, há muito,
em lodaçal de problemas e marinas.

(In: *Naturezas e coisas*.
Salvador: Corrupio, 2002. p. 75)

IV – Santiago

Rever *Santiago* não é o mesmo
que estar antes; renovados sustos
dentro da nave, de mim, abertos sol e lua,
rastejando na portada do *Maestro Matteo*,
e tudo volta e revoa, cicatrizes e chagas
que arrebatam peregrinos, mundos rompidos
e fatigados, em pagamentos das promessas
contritas de dores e maleitas velhas, lidas,
guerras inúteis, suseranos cruéis, culpas.
Santiago aqui não esteve, jamais andejou,
mas seu culto é iluminado na cabeça
de mouros decepados, cavaleiros rompidos.
Guerreiro e Santo, antinomia medieva,
Santiago nada diz e as pedras gravam.
Desta vez, na missa matutina, em junho,
lenta e cantada por monsenhores tristes-
-ressoam um órgão e vozes desafinadas
que o botafumeiro incensa e reverera.
No inverno não completei a *Sacra Via*;
em doze passos, incompleto permaneço
entre colunas góticas e as sombras lentas.

(In: *Estranhuras*. Cotia (SP):
Ateliê Editorial, 2003. p. 40-41)

X – Vila Viçosa

Não conheci, não encontrei
Espanca, a poeta das tentações
e tensos versos. Em *Portugal*,
estive mais de um tempo, outros,
e vi os campos de uvas barrocas
nos altares e nos copos abençoados.
E mulheres de negro anoitecendo.
Um dia deparei-me com seu túmulo,
no fim da tarde, em Vila Viçosa;
não havia roteiro para o encontro
e senti "Horas profundas, lentas e caladas..."
A poesia era névoa e sussurrava
nos vales e ribeiras, nos lábios
e vozes de *Florabela*, junhos de amores...
Uma dália no vaso, solitária,
resistia ao crepúsculo movente.

(In: *Estranhuras*. Cotia (SP): Ateliê
Editorial, 2003. p. 44)

URRACA

Pernas, torso e seios
de Urraca em Castela, perto,
ajardinado campo da rainha.

Hoje, foi-se na brisa branda
que ciscateia nos cabelos galegos,
na penugem ou pelagem misteriosa.

Urraca que existe, no tato e boca
de um poeta que passou, e passa
percebido da natureza amorosa:
e só, como se o nada acariciasse.

(In: *Salvadores ou coisas de amor*.
Salvador: Égua Dor, 2004. p. 19)

Ilhota

"No sul bem sulino, só há a Patagônia".
Pio Vezino, 1942 – Itaimbezinho, RS

Ando em busca
do "esplendido isolamento".
Onde, em quê palmeirais
e sabiás, onde?
Ter as saudades e saber
domá-las. Ter e não ter
e saber que existem,
e podem vir no átimo
de um perfume, um gozo.
Ah! o isolamento esplêndido,
Ínsula a descobrir navegando,
na terceira idade mediana.
Os chatos que me perdoem: quero
a distância de uma ilhota com bananais.

(In: *Salvadores ou coisas de amor*.
Salvador: Égua Dor, 2004. p. 43)



Kátia Borges

Baiana de Salvador, é poeta e publicou os livros *De volta à caixa de abelhas* (Selo As letras da Bahia, 2002), *Uma balada para Janis* (Edições P55, 2009) e *Ticket Zen* (Escrituras, 2010). Tem poemas nas antologias *Sete cantares de amigos* (Edições Arpoador, 2003), *Concerto Lírico a quinze vozes* (Aboio livre, 2004), *Roteiro da poesia brasileira - Anos 2000* (Global, 2009) e na agenda *Retratos poéticos do Brasil 2010* (Escrituras). Participou da Bienal do Livro da Bahia (Praça do Cordel e da Poesia e Café Literário), em 2009, do seminário As Novas Letras da Bahia, no mesmo ano, e dos eventos literários *Poesia na boca da noite*, *Travessia das palavras*, em Jequié, e *Uma prosa sobre versos*, em Maracás. Em teatro, escreveu o monólogo *O escorpião amarelo*, que integra a peça teatral *Batata! Jornalista*, formada pela Ufba, é especialista em Gestão da Informação, pela FTC, e mestranda em Literatura e Cultura pela Ufba. Desde 1995, integra o quadro editorial do jornal A TARDE.

Cantiga

Minha avó era cega.
Dela, herdei a capacidade de ver sem usar os olhos.
E a paixão
por uns sambas antigos.

Minha avó era alta.
Os cabelos muito lisos e compridos
envolviam a cintura.
Eram penteados com cuidado, todas as tardes,
e presos em um coque.

Os vestidos, de tecido barato,
quase cobriam os pés.
Minha avó contava histórias de assombrar,
ensinava a amar certas canções
e fazia predições todo final de ano.

Eu fugia com medo do futuro
e me escondia no quarto.
O presente me bastava com seus fantasmas
e as notícias do mundo no Fantástico.

Minha avó gostava de beber aperitivos,
de mascar fumo e de me ouvir cantar
uma música de um português chamado Hermes
Aquino.

Poucos se lembram dele.
Poucos se lembram dela.
Poucos se lembrarão de mim.

Minha avó era cega.
Dela, herdei a capacidade de ver sem usar os
olhos.

(In: *De Volta à Caixa de Abelhas*.
Salvador: Letras da Bahia, 2002. p 21)

De volta à caixa de abelhas

Com zelo e alguma tristeza, guardo coisas:
cartas antigas, fotos antigas, calendários.
Se me perguntarem a razão, direi que sei,
direi que um dia saberei...

Há quase um ano aguardo notícias importantes,
dentro desta caixa de abelhas.
Todas as noites, o carcereiro chega,
põe sua cabeça na pequena grade e ri.

Amanhã mesmo deixo estas coisas, esta caixa.
É algo que assumo cuidadosa,
como se soubesse que não vou voltar,
como se conhecesse o rosto que se oculta,
ou como se mentisse, quando sinto que sei.

Ontem mesmo o carcereiro esqueceu-se de vir.
Minhas lembranças zuniram tontas,
entre as paredes desta caixa,
doloridas de saudade.

(In: *De Volta à Caixa de Abelhas*.
Salvador: Letras da Bahia, 2002. p 31.)

Amor

Por todo o caminho, te levo comigo,
como quem carrega o próprio coração
nas mãos, pulsando.
Como quem bebe um vinho precioso,
deixando que o líquido se espalhe e molhe o rosto.

Por todo o caminho, te levo comigo,
como quem arranca um punhado de mato
e põe no bolso.

Te levo comigo, sobre os ombros,
até o alto da mais alta montanha.

(In: *De Volta à Caixa de Abelhas*.
Salvador: Letras da Bahia, 2002. p 75.)

Terno dos astros

No beco estreito de minha infância
cabiam todos os sonhos
e assombrações,
as primeiras ousadias amorosas
e decepções.

Depois, o mundo veio
como um golpe de ar,
embaraçando os cabelos,
embaçando a visão.
E nada mais havia a ousar.

Na minha rua, todos os anos,
o cortejo do Bonfim
e o Terno dos Astros
enchiam os olhos.

E eu não sabia a diferença
entre Cidade Baixa e Cidade Alta.

Éramos pobres, e a vida, dura.
Mas, todos os anos,
o cortejo do Bonfim e o Terno dos Astros
passavam em nossa porta.

(In: *De Volta à Caixa de Abelhas*.
Salvador: Letras da Bahia, 2002. p 23.)

Nossa Senhora de Copacabana

Nossa Senhora de Copacabana,
dai-nos o Sol todos os dias,
mesmo no Inverno. Dai-nos
o seu calor sem termo,
Nossa Senhora de Copacabana.

Dai-nos um céu de brigadeiro
a cada semana, dai-nos um céu
de brigadeiro, Nossa senhora
de Copacabana.

Dai-nos alvoradas sem medo.
Dai-nos manhãs de poesia.
Dai-nos entardecer sem tédio.
Dai-nos o pôr-de-sol mais belo.
Sim, e nós a aplaudiremos.

(In: *Uma balada para Janis*.
Salvador: Edições P55, 2009. p 9.)

Um dia comum

Um dia comum não te guarda.
Há furacões ao sol, nuvens
de azogue prontas a dar o bote.
Um dia comum não te guarda.
O passar das horas esconde o laço,
e noites sem alvorada aguardam
em camarilha. Um dia comum
enovela todos os dias no que avessa
o calendário, a armadilha.
E nem Maeve, Miguel Arcanjo ou Exu.
Nem mesmo Exu te guarda.

(In: *Uma balada para Janis*.
Salvador: Edições P55, 2009. p 33.)

Paquetá

Nunca estive em Paquetá,
o embarque na Praça XV,
atravessando a Baía,
o chorinho na Guanabara,
a estação Cocotá,
a comida do Charretão,
em frente aos aerobarcos,
a capela de São Roque,
a histórica Freguesia.

Mas quanto mais Paquetá
de minha alma se distancia,
eu sinto a vida por lá,
as noites mornas da ilha.
Quem sou é que me dirá
se, para o destino, há uma trilha
de saibro e de flamboyants,
de ver e se deslumbrar
diante da Maria Gorda,
e as muitas conchas do mar.

Paquetá é como se não fosse,
paixão que nunca vivi,
encontros no Parque Darke,
fumaça na Praia da Guarda,
folia no Silêncio do Amor.
Não, nunca estive em Paquetá,

e é pouco provável que vá.
Paquetá é minha Pasárgada,
com seu cemitério de pássaros,
e esculturas de aves,
e almas de aves mortas.
Lá não conheço ninguém,
só a surpresa me aguarda,
com imagens que não caberão
em nenhum álbum de fotos,
daqueles que a gente guarda
para eternizar nossos mortos.

(In: *Uma balada para Janis*.
Salvador: Edições P55, 2009. p 21.)

MóBILE

Você apenas finge que sente.
Mas que tarde cinza
é essa que traz nos olhos?
Perita em perguntas-disfarce,
deixo a outra entretida
em desarmar armadilhas,
organizar as cores do cubo
mágico, montar o móbile.
Ah, sou poeta, sabe?
Por isso é que sei criar
esses efeitos sentimentais
a partir do ridículo. Não diz
nada, apenas finge que sente,
que esqueceu de escrever
a carta de despedida,
perdeu as chaves e chove.
Ah, eu sei que não chove.
Agora deixa que eu finjo.

(In: *Uma balada para Janis*.
Salvador: Edições P55, 2009. p 18.)

Como chuva forte

Nada guardei de meu, nesta viagem,
Companheira, nada
Que possa recordar de bom
E de feliz tudo o que vivemos.
O que me vem de nós é turbilhão
De horas mansas, de afundarmos juntos, de
correremos
Sem segurança em meio aos trovões.
O temporal do amor, a chuva forte,
Deixou minha alma encharcada.
Ao pensar no que passou, pesam-me as pernas.

Hoje, dispenso todos os remédios
E lanço ao inferno os chás e os unguentos.
Rezo ao delírio, busco a febre insana, me entrego.

(In: *Ticket Zen*. Salvador: Escrituras, 2010. p 30.)

Santa Bernadete

Inacreditável seria se
Em Marte nunca encontrassem
Vestígios de água (e só existisse
a humanidade no universo)

Inaceitável, sim, seria
Que não existisse em Titã
Um lago (ou duvidar
do corpo incorrupto de Santa Bernadete),
pois absurdo não é crer, mas ser incrédulo
E se achar imune a qualquer mistério
Quando até a Lua abriga muitos mares.

Impossível seria não apostar que, um dia,
Qualquer homem poderá banhar-se
No Mar das Chuvas, no Oceano das Tormentas,
No Mar das Serpentes (no Mar da Serenidade).

(In: *Ticket Zen*.
Salvador: Escrituras, 2010. p 36.)

O Pequeno Hitler

Todo mundo traz em si
O menino de Braunau
Em um bunker imaginário.
E cada sonho que temos,
Seja entrar para a Academia de Artes,
Ou possuir a espada de Longino,
É o marido de Eva Braun,
O arquiteto do caos,
Que queima em nosso peito.

Pois ele também sonhou,
Na abadia de Lambach,
Servir a Deus e ser bom.
E cada sonho que temos,
Seja planejar uma cidade
Ou comandar um exército,
É o dono do cão Blondi,
O filho de Klara e Alois,
Que ruge dentro de nós.

Pois ele também sonhou
Certa tarde, no Museu de Hofburg
Ter a lâmina da vida nas mãos.
E cada sonho que temos,
Seja eternizar-se na memória
Ou liderar uma nação,
É o plagiador de Blavatsky,
O falsificador de Nietzsche,

O criador de Treblinka,
E de Auschwitz-Birkenau, que grita.

(In: *Ticket Zen*.
Salvador: Escrituras, 2010, p 39.)

A ver estrelas

A noite inteira olhei estrelas,
Como se esperasse por Bilac,
Ou, quem sabe, o condoreiro
Vate. Nenhum ET na bicicleta,
Na bruma espessa, passou na Lua,
E nem São Jorge, santo guerreiro,
Inquietou-se. A insônia é minha,
A rua dorme, desprotegida, sob satélites.

(In: *Ticket Zen*.
Salvador: Escrituras, 2010. p 43.)

"Encontros Literários na ALB" é uma atividade do Ponto de Cultura da Academia de Letras da Bahia. Trata-se de bate-papos com escritores, com leitura e discussão de textos previamente selecionados, objetivando a aproximação do público leitor com autores baianos, no oferecimento de uma visão panorâmica de nossa literatura atual. Os Encontros irão de set/2009 a dez/2011.

Academia de Letras da Bahia
Av. Joana Angélica, 198 - Nazaré
Salvador - Bahia Tel.: 71 3321-4308

Realização:



Ministério
da Cultura

